

ANAIIS

EICTI 2017

6° Encontro de
Iniciação Científica

2° Encontro de Iniciação
ao Desenvolvimento
Tecnológico e Inovação

4 a 6 de outubro de 2017

Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)
Av. Tarquínio Joslin dos Santos, nº 1000
Foz do Iguaçu, Paraná – Brasil



Realização:



Apoio:



A ALTERIDADE NA ESCOLA: UM ESTUDO DE CURRÍCULO SOB UMA REALIDADE DE FRONTEIRA

ARVELOS, Raquel Maia F.

Estudante do Curso de História - Licenciatura, bolsista IC-FA, – ILAACH – UNILA;
E-mail: raquel.arvelos@aluno.unila.edu.br;

AMATO, Laura Janaina Dias.

Docente/pesquisador da área de Letras e Linguística– ILAACH – UNILA;
E-mail: laura.amato@unila.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

Através do projeto de IC: “Construção crítica do imaginário trinacional” se realizou a pesquisa sobre como a alteridade se exprime em uma escola municipal da região da tríplice fronteira, onde a cidade de Foz do Iguaçu/PR se vê compreendida. A partir do contexto escolar e de sua observação foram feitas a análise de leis, orientações, livros didáticos, conteúdos textuais, visuais e orais que estão envolvidos na construção e alimentação de discursos e imaginários socioculturais que acabam permeando e atingindo de variadas formas a relação entre a/o educadora e a/o educanda/o, tomando proporções para além dos muros da escola na reverberação de (pre)conceitos nos mais diversos ambientes da sociedade.

Refletindo, principalmente, sobre como as/os docentes da fronteira lidam com uma suposta demanda de um ensino intercultural, considerando toda uma conjuntura de vivências escolares diante de regulamentações internas e externas à escola, até o que se de fato, e como, se conseguem e se convém seguir as orientações recebidas. Diante disso, o estudo levou em conta as presenças e as faltas das correlações que se dão entre as modalidades do currículo: prescrito, oculto, nulo e vivo. A partir da observação do currículo fora analisado os seus impactos, tomando críticas construtivas e novas proposições, com o objetivo de pensar alternativas outras para a efetivação de um ensino verdadeiramente inclusivo e intercultural, alternativas essas, inclusive, já existentes.

2 METODOLOGIA

Em busca de compreender as questões que perpassam a percepção da/o Outra/o na educação e na tríplice fronteira - Argentina - Brasil - Paraguay, a pesquisa, de pretensão qualitativa e crítica, teve como fontes utilizadas as pesquisas bibliográficas, as leis 9.394/96 e 11.645/08, os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais), o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola municipal¹ escolhida, o livro didático de História e Geografia do 5º ano utilizado no ano vigente (2017), questionários aplicados as/aos docentes, e duas entrevistas orais, sendo elas, a primeira realizada com uma professora de História do 5º ano, e a segunda com a coordenadora da escola.

¹ Se acordou o sigilo ao nome da escola e das/o sujeitas/o escolares pois acredita-se que as problemáticas diagnosticadas não são simplesmente peculiares a escola e aos conteúdos veiculados pela mesma posta em análise. Entende-se que existe um problema estrutural que permeia a sociedade, a política, a colonialidade, o investimento educacional, a formação das/o profissionais da educação etc. Portanto, dar nome as/aos sujeitas/o participantes só “funcionaria” se o intuito fosse o de criar uma distância entre a comunidade acadêmica, a escola e a região envolvida, não sendo esta, a pretensão da pesquisa.

A partir do entendimento de que o ambiente escolar é aquele que propicia os movimentos de construção e alimentação de discursos, saberes, imaginários sociais, culturais etc, pretendeu-se ponderar sobre o papel de uma disciplina específica, a de História, que tem como função dar sentido às nossas vidas através do estudo e da interpretação do passado a fim de que, através dele, possamos entender o presente e subseqüentemente, orientar o nosso futuro, permitindo assim, que as nossas identidades e interpretações de mundo se hibridizem. De acordo com as contribuições da Bittencourt (2004) e do Rüsen (2010) a aprendizagem histórica - dentro e fora do espaço escolar foi levantada como algo necessária a ser discutida, sobretudo porque, por exemplo, a reprodução da história oficial ainda ocorre dentro da escola e da sala de aula, visão essa, que inferioriza e subalterniza outras histórias.

Por fim, outras/os autoras/es e proposições contribuíram como base para com o desenvolvimento dessa investigação, como a AZIBEIRO (2012), DIAS (2004), FLEURI (2012) etc.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Penso o currículo como espaço-tempo de fronteira em que discursos globais e locais negociam sua existência (e inexistência posto que hibridizar significa renunciar à idéia de identidade baseada em raízes de qualquer natureza (MACEDO, 2006, p. 107).

Embora haja a tentativa de se impor na sociedade em que vivemos modelos e ideologias dominantes que visam a homogeneidade dos corpos e dos pensamentos, neste estudo pretende-se pensar na hibridização como algo inerente as/aos sujeitas/o que estão inseridas/o em contexto de fronteira e de também culturas globalizantes onde, de um modo geral, se é impossível pensar em uma ideia racional de pureza² e/ou de completa homogeneidade.

Quando se elenca este raciocínio, a ideia de se construir um currículo com base no respeito e na valorização das diversidades, nos deparamos com realidades culturais, sociais e econômicas muito distintas. É aqui que Paulo Freire pode nos inspirar e contribuir, até hoje, à aprendizagem escolar, e especialmente ao currículo vivo, e diante das lutas, a sua capacidade de transformar também o currículo prescrito. Entendendo que “a educação e o currículo não são, como Michael Apple salienta, magistérios neutros. Não acontecem num vazio cultural, político, ideológico, religioso e interseccionam-se directamente nas dinâmicas de género, raça, classe e orientação sexual” (PARASKEVA, 2002, p. 115).

Ao meu ver, trazendo a tona um importante papel para os movimentos sociais, comunitários, acadêmicas/os comprometidas/os etc, parafraseando Fleuri (2013) no desafio de descolonizar os currículos escolares ao questionar as imposições de um modelo que, prezando o monocultural, não permite à educação a sua prática da diferença como algo proveitoso a sociedade como um todo. “As pessoas que interagem, individual ou coletivamente, com pessoas de contextos sociais diferentes colocam em questão os padrões culturais próprios e, vice-versa, colocam em xeque os princípios e a lógica que regem a cultura alheia” (FLEURI, 2013, p. 16). Acreditando-se que é através da livre possibilidade dessas interações acontecerem sem que estejam hierarquizadas, no reconhecer da interdependência da/o Outra/o como algo essencial para se auto (re)conhecer é que se consegue como sujeita/o/grupo/povo marcar-se quanto a sua diversidade. Fazendo do diálogo intercultural um momento propício para se compreender

² Com exceção a alguns Povos Originários da Terra que vivendo isoladamente, nunca tiveram contato com a globalidade das sociedades que temos em curso, mesmo que, infelizmente, sofram consequências cotidianas advindas dessa “organização” política e econômica.

padrões culturais inerentes ao sentido de seus próprios costumes, valores, histórias, conhecimentos etc, oportunizando transformações que possam gerar a formação de novas identidades e culturas. Cabendo, “aos indivíduos e grupos, perceber, significar e interpretar a si mesmo em relação aos que vivem e experimentam” (GUSMÃO, 1999, p. 46).

Reflexionando assim, sobre a lógica em que as relações culturais e híbridas em consonância com a interculturalidade crítica proporcionam para além da valorização e respeito da/o Outra/o, a criação de novos contextos de hibridizações culturais. Segundo Walsh (2009) possibilitando um novo movimento onde se possa dar visibilidade e reconhecimento a histórias outras, saberes outros, vidas outras, seres outros, no almejar de uma reformulação do sistema. Um novo sistema esse, que também possa ser pensado por povos e sujeitas/o que vivem a realidade e a resistência de sua subjugação, corpos dissidentes, que por ventura virão a ocasionar uma “transformação das estruturas, instituições e relações sociais” (WALSH, 2009, p. 23). Onde enfim, possa-se erguer uma América Latina mais justa e totalmente diferente da que está posta. “A reconstrução radical do ser, do poder e do saber” (CANDAU e OLIVEIRA, 2010, p. 24) se aponta como necessária para pensarmos e realizarmos uma verdadeira equidade entre os mundos, povos e culturas, a se fazer caber em todos os ambientes e instituições que compõem a nossa atual sociedade em constante transformação.

Nesse sentido, a pesquisa se fundamentou no intuito de se fazer emergir a importância e os prós da necessidade da reformulação do sistema (im)posto com o propósito de se pensar sobre o como os discursos e conteúdos veiculados por uma escola em região de tríplice fronteira podem ser limitadores quando aliados a uma pedagogia do silêncio (GUSMÃO, 1999) ao mesmo tempo em que podem ser vocacionalmente potencializados a partir da sua abertura a [des(re)]construção.

4 RESULTADOS

A partir do contato com as leituras e a sua articulação com a experiência escolar foi possível reflexionar sobre a necessidade de uma efetiva reforma da escola, que consiga questionar problemas estruturais como a dita história oficial que ainda funciona em detrimento de uma ampla gama de Histórias que compõem o Brasil e as suas fronteiras. Pensando-se assim, a colonialidade, o estado, e as políticas neoliberais como raízes desse problema e da exclusão da/o Outra/o.

Foi possível analisar também, sobre a necessidade de uma reformulação da própria formação de professores e de todo o corpo que compõe a escola, no almejar de outros caminhos para o ensino, inclusive, especialmente, na revisão da disciplina de História em prática de sala de aula. Os resultados ditos negativos encontraram conforto na aspiração de uma pedagogia outra, a partir de leituras como: Circe Bittencourt, Maria de Fátima Sabino Dias, Paulo Freire e Reinaldo Matias Fleuri. O resultado alcançado permeia o pensamento crítico sobre a escolarização e todo o processo que a envolve, desde os documentos educacionais, leis instituídas e materiais didáticos utilizados em classe às dinâmicas e dimensões outras que envolvem o currículo em sala de aula.

5 CONCLUSÕES

A realidade tri-fronteiriça em que Foz do Iguaçu/PR se vê compreendida está acompanhada por relações “teoricamente” e cotidianamente pluriculturais, a cidade é composta, a partir do último balanço de 2014 da Receita Federal, por 81 etnias, diversidade essa, que se expressa, logicamente, no seu ambiente escolar. Local este, que

diante das relações e trocas cotidianas de saberes, é palco de (re)produção e transformação a partir de conflitos diários, discursos e imaginários que o comportam. Conclui-se que a alteridade no contexto trabalhado é algo essencial a ser pensada e praticada com base no proporcionar de interações que visem a valorização e o respeito da potencial especificidade híbrida e intercultural da fronteira. A escola investigada encara este desafio com muitas dificuldades, principalmente no que se diz respeito a se entender como sendo um lugar apropriado para a [des(re)]construção do, e com, a Outra/o.

Observando como a/o Outra/o é percebido nesse espaço, e qual é o seu espaço, questionou-se o porquê de recorrentemente os conteúdos “contribuírem” para com a estigmatização, a estereotipização e/ou a segregação da/o Outra/o (aqui compreendido, a/o estudante estrangeira/o e/ou de realidade politicamente minoritária), analisou-se após, as suas consequências, considerando-se, inclusive, a evasão - que muitas vezes caracteriza a expulsão da/o estudante. Conclui-se que "quem não se reconhece não se identifica. Quem não se identifica não se ama, tem baixa auto-estima e se desinteressa tanto por si próprio quanto pelo outro (FAUSTINO, 2017), nesse sentido, a promoção da inclusão e a equidade em ambiente escolar é uma tarefa pedagógica e política ainda pouco comprometida com a realidade da escola pública colocada em perspectiva. Por fim, se marca como necessário o pensar e o agir sobre novas alternativas curriculares, e que essas alternativas sejam propostas e reformuladas conjuntamente e sobretudo com a comunidade, que vive as particularidades de suas realidades. Um caminho longo a se percorrer, e ainda mais desafiador e árduo do que eu poderia imaginar.

6 PRINCIPAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZIBEIRO, Nadir Esperança; FLEURI, Reinaldo Matias. Paradigmas culturais emergentes na educação popular. DANTAS, S. D. **Diálogos Interculturais: Reflexões Interdisciplinares e Intervenções Psicossociais**. São Paulo, Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012, p. 219 – 246.

BITTENCOURT, Circe F. **Aprendizagens em História**. Ensino de História: fundamentos e métodos, p. 181-221, 2004.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; OLIVEIRA, L. F. Pedagogia Decolonial e educação anti-racista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista** (UFMG. Impresso), v. 26, p. 15-40, 2010.

DIAS, Maria de Fátima Sabino. **História da América: ensino, poder e identidade**. Letras Contemporâneas, 2004.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. Faculdade de Educação da UNICAMP. **Cadernos de pesquisa**, no 107, p. 41 – 78, julho/1999.